



Eu mesmo

EMÍLIO DE MENEZES

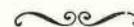
Poeta brasileiro, nascido em Curitiba, em 1866, e desencarnado no Rio de Janeiro em 1918. Musa vivacíssima e fulgurante, sem deixar de ser profunda, era sobretudoativamente humorística. Legou-nos *Poemas da Morte*, 1901, e *Poesias*, 1909, além de *Mortalhas*, versos satíricos póstumamente colecionados. Distinguiu-se pela altaneza dos temas, quanto pela opulência das rimas.

Eu mesmo estou a ignorar se posso
Chamar-me ainda o Emílio de Menezes,
Procurando tomar o tempo vosso,
Recitando epigramas descorteses.

Como hei-de versejar? Rimas em osso
São difíceis... contudo, de outras vezes,
Eu sabia rezar o Padre Nossa
E unir meus versos como irmãos siameses.

Como hei-de aparecer? O que é impossível
E' ser um santarrão inconcebível,
Trazendo as luzes do Evangelho às gentes...

Sou o Emílio, distante da garrafa,
Mas que não se entristece e nem se abafa,
Longe das anedotas indecentes.



Aos meus amigos da Terra

EMÍLIO DE MENEZES

Amigos, tolerai o meu assunto,
(Sempre vivi do sofrimento alheio)
Relevai, que as promessas de um defunto
São coisainda invulgar no vosso meio.

Apesar do meu cérebro bestunto,
O elo que nos unia, conservei-o,
Como a quase saudade do presunto,
Que nutre um corpo empanturrado e feio.

Espero-vos aqui com as minhas festas,
Nas quais, porém, o vinho não explode,
Nem há cheiro de carnes ou cebolas.

Evitai as comidas indigestas,
Pois na hora do «salva-se quem pode»,
Muita gente nem fica de ceroulas...